



PSICANÁLISE

Adriano Messias

Psicanálise e neurociências

Um diálogo possível?

Blucher

PSICANÁLISE E NEUROCIÊNCIAS

Um diálogo possível?

Adriano Messias

Psicanálise e neurociências: um diálogo possível?

© 2022 Adriano Messias

Editora Edgard Blucher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Ariana Corrêa

Preparação de texto Ana Maria Fiorini

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Évia Yasumaru

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Messias, Adriano.

Psicanálise e neurociências : um diálogo possível? / Adriano Messias. – São Paulo : Blucher, 2022.

70 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-462-9 (impresso)

ISBN 978-65-5506-458-2 (eletrônico)

1. Psicanálise. 2. Neurociências. I. Título.

22-3420

CDD 150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

1. A mente em Freud	9
1.1 O que quer a neuropsicanálise?	12
1.2 Freud e a biologia	19
1.3 Corpo e mente ocupam um mesmo lugar	24
2. Podem os robôs dar o que não têm a quem não quer?	29
2.1 Consciências e mentes em migração	32
2.2 Um ponto de virada	35
2.3 Eu é um outro	39
2.4 O doente imaginário	42
2.5 A civilização em colapso	45
3. A plasticidade cerebral	49
3.1 Qual inconsciente?	57
3.2 O inconsciente não está no cérebro	61
Referências	65
Obras de Freud que estudam e discutem perspectivas científicas	69

1. A mente em Freud

Sigmund Freud propôs que, ao falarmos de nós mesmos a outras pessoas – a chamada atividade mental consciente –, raramente conseguíamos repassar alguma ideia condizente com o que poderíamos de fato estar sentindo e pensando. Para ele, nossas racionalizações seriam, quando muito, vagas representações enganosas do que acreditaríamos ser ou ter, e foi nesse mesmo viés que Jacques Lacan realizou suas empreitadas nos vários Seminários que articulou.

Um dos pontos da guinada da carreira de Freud em busca de perscrutar a “mente” humana foi com o famoso caso de Anna O., nome verdadeiro de Bertha Pappenheim, paciente histérica de Josef Breuer. O processo se baseava em ajudá-la a trazer à tona memórias traumáticas de eventos vividos. Das discussões com Breuer, Freud escreveu um texto seminal, *Estudos sobre a histeria* (1893-1895), no qual propunha que determinados sintomas físicos poderiam ter sua origem em conflitos reprimidos. Mais tarde, ele ainda indagaria se todos os sintomas de um quadro de histeria eram advindos de traumas a partir de eventos reais bem

delimitados, ou se vários deles poderiam ser produzidos pelo próprio sujeito, este, por sua vez, cindido, de onde a famosa carta 69, de 21 de setembro de 1897, endereçada ao amigo médico Wilhelm Fliess (cf. Freud, 1986). Nela, o pai da psicanálise escreveu que já não acreditava mais nos relatos das histéricas que atendia (a rigor, “Não acredito mais na minha *neurótica*”, ou seja, em minha teoria das neuroses), quase sempre narrativas repletas de idiosincrasias que iam e vinham no decorrer do atendimento clínico. Foi assim que Freud virou de vez a página da cativante teoria da sedução – que até então estabelecia que experiências sexuais reais é que desencadeavam a histeria –, para atingir um novo patamar investigatório, o que não significou, entretanto, que ele desconsideraria os relatos de seus analisandos ou que os traumas poderiam deixar de ser produtores de patogêneses.

Assim, a partir das novas formulações freudianas sobre a histeria, pode-se inferir um ponto decisivo na estruturação do pensamento psicanalítico dali em diante. Em suas ideias originais, Freud considerava a existência de pelo menos três níveis para o que a medicina chamava de “mente” naquela época, de onde adveio o famoso modelo topográfico por meio do qual ele descreveu a estrutura e a função mentais, empregando, por analogia, a figura de um *iceberg*: a pequena parte emersa conteria o que ele chamava de *mente consciente*, enquanto tudo o mais seria o reino do inconsciente, do qual ainda faria parte o pré-consciente, no limiar entre as águas e a superfície. A parte visível abrangeria os pensamentos nos quais nossa atenção estaria focada no momento presente, enquanto no pré-consciente residiria o que mais facilmente viria a emergir da memória. A terceira parte, a *mente inconsciente* propriamente dita, regeria um grande número de nossos comportamentos. Usando aquela metáfora do bloco de gelo, ele pôde afirmar que a maior parte do que pertenceria à mente humana não conseguiria ser “visto” com clareza: na região imersa habitariam

nossos impulsos e desejos mais primitivos, barrados provisoriamente pelo mecanismo de defesa do recalque (ou repressão), que empurraria para os abismos do ser tudo o que fosse assustador, doloroso e precisasse ser repugnado. Somente mais tarde é que Freud desenvolveria o seu *modelo estrutural da mente* – que ele próprio chamou de aparelho psíquico –, compreendendo o id, o ego e o superego (1923), mas que, de forma alguma, seriam localizações cerebrais anatomofisiológicas. Tratar-se-iam de conceitos hipotéticos em torno do funcionamento mental: o id operaria o princípio de prazer, ligado à satisfação das pulsões basais, derivando daí o conflito entre eros – a pulsão de vida, a libido – e tanatos – a pulsão de morte, esta última expressa na forma de agressões e violências. O ego se desenvolveria durante os primeiros anos de vida de uma criança a partir do id. Sua meta seria satisfazer as demandas deste último, porém, de uma forma socialmente aceitável. Enquanto o id residiria na parte submersa do *iceberg*, o ego operaria tanto na mente consciente como na inconsciente, seguindo o princípio de realidade e permanecendo parcialmente abaixo da linha da água. Ainda de acordo com o modelo freudiano, o superego também se desenvolveria durante a infância, geralmente a partir da identificação da criança com seu parente do mesmo sexo, e tal instância psíquica se ligaria a padrões morais e éticos a serem adotados no decorrer da vida. Vale dizer, metaforicamente, que temos aí três irmãos que não se entendem muito bem, pois cada um dos elementos da aparelhagem psíquica proporia demandas impossíveis às outras duas, resultando em conflitos que tenderiam a ser amenizados pelo ego, o mediador. Para isso, a função egoica emprega mecanismos de defesa, os quais foram estabelecidos por Freud de 1894 a 1896: a repressão, a denegação, a projeção, o deslocamento, a regressão e a sublimação.

Em 1899 e 1900, Freud considerou os sonhos como produções importantes do aparelho psíquico a partir da diminuição das

defesas egoicas: aí estaria um caminho que conduziria às possibilidades da interpretação do inconsciente. Dentre alguns seguidores da psicanálise, há que se reconhecer o trabalho do psiquiatra francês Henri Ey (1900-1977), criador da psiquiatria de abordagem organodinâmica e que assumiu que a ordem hierárquica das funções prevalecia sobre a organização cerebral, aproximando-se, dessa maneira, das ideias de Freud e do psiquiatra suíço Eugen Bleuler.

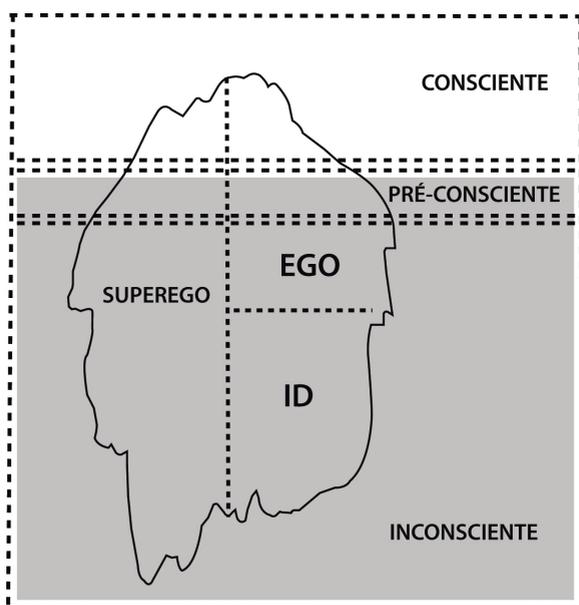


Figura 1.1 A estrutura topográfica da mente em Freud.

1.1 O que quer a neuropsicanálise?

A partir dos avanços da primeira e da segunda tópicas (o modelo topográfico da mente e as articulações entre id, ego e superego, respectivamente), há quem diga que Sigmund Freud abandonou por



Este livro se volta aos interessados em diálogos transdisciplinares, sobretudo estudantes de psicanálise, psicologia, comunicação, neurociências e áreas correlatas. O objetivo do autor foi discutir em que medida dois campos opostos podem ou não coincidir em suas abordagens para tentar se auxiliar mutuamente.

Um dos primeiros desafios reside na chamada incompatibilidade de paradigmas: é sempre mais difícil realizar trocas de conhecimentos quando os interlocutores acreditam estar falando a partir de uma mesma base conceitual, mas, na verdade, não estão.

Ainda que pensar as neurociências – tão importantes em nossos dias por sua especial contribuição aos estudos cognitivos – em parceria com Freud e Lacan seja sedutor, um pesquisador não pode incorrer na ingenuidade de lançar a instrumentação, tanto de um lado quanto do outro, em um mesmo escopo sem saber de fato como se localizar nesses dois universos epistemológicos. E aqui também se insere, como um estudo de caso, a própria “neuropsicanálise”, proposta híbrida surgida há algumas décadas.

Este é um ensaio provocador, que ressalta a necessidade de se percorrer os labirintos dos significantes quando se pretende fazer qualquer investida que pede uma pluralidade de olhares.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-462-9

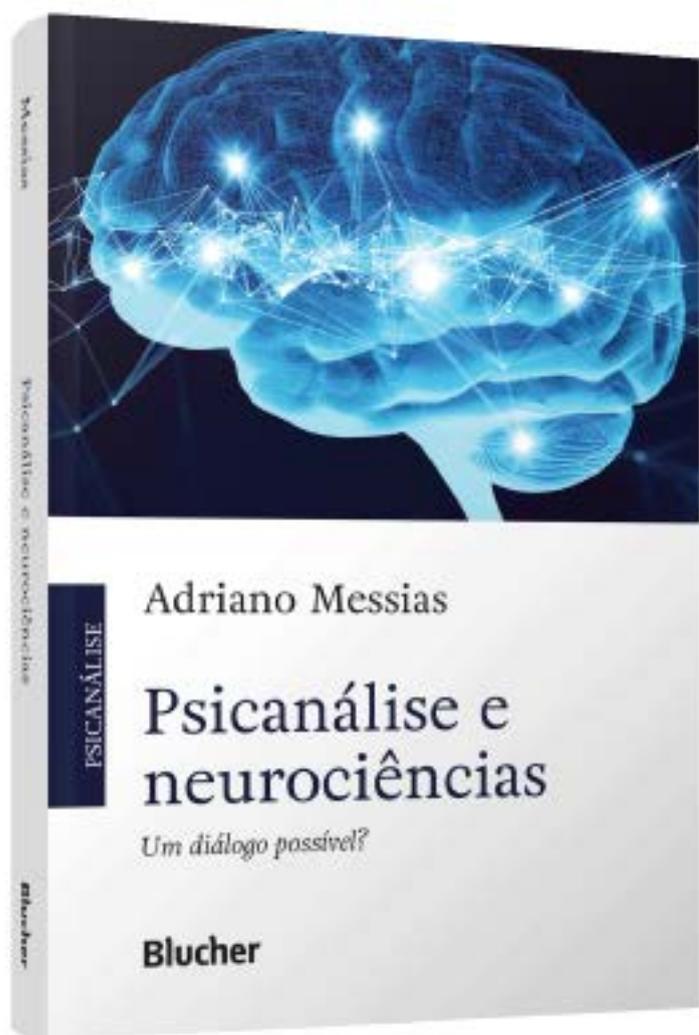


9 786555 064629



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Psicanálise e Neurociências

Um diálogo possível?

Adriano Messias

ISBN: 9786555064629

Páginas: 70

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2022
